



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que a comissão editorial da Revista *Mulemba* torna pública sua edição 14.2, cujo objetivo principal é discutir as interseções existentes entre os domínios da oralidade e o da escrita. Já amplamente debatido ao longo da história dos estudos literários africanos, tal diálogo encontra, agora, uma nova possibilidade de apreciação, adensada tanto por novas perspectivas teóricas quanto pela escolha dos *corpus* que compõem os artigos de nossa revista. Ao abordarmos “A presença das culturas orais nas literaturas africanas de língua portuguesa”, reafirmamos nossa aposta por relevantes discussões que fomentem o estudo daquilo que é culturalmente produzido em Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

Composta de duas partes – doze artigos, sendo os dez primeiros atinentes à temática proposta e os dois últimos de fluxo livre, e três resenhas críticas –, nosso itinerário investigativo se inicia com o artigo “Literatura e oralidade africanas: mediações”, de Maria Nazareth Soares Fonseca, em que são apresentados e discutidos alguns pontos de vista teóricos sobre os conceitos de oratura, oralitura e o uso criativo que diferentes escritores africanos fazem da oralidade, bem como de outras formas de mediação entre voz e letra, produzidas por propostas literárias africanas de língua portuguesa. Logo após, passamos ao artigo de Elena Brugioni, intitulado “Para mais vozes. Escrita e oralidade nas literaturas africanas de língua portuguesa: pluralidades estéticas, desafios críticos”, em que a especialista parte da leitura de *O último voo do flamingo*, de Mia Couto, para, em seguida, refletir com profundidade acerca das tensas relações entre o dito e o escrito nas obras de Ruy Duarte de Carvalho e de João Paulo Borges Coelho.

Enquanto Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio travam um valioso diálogo entre o brasileiro Manoel de Barros e o moçambicano Mia Couto em “Na tessitura híbrida dos signos: Manoel de Barros e Mia Couto”, Érica Cristina Bispo investiga a presença de marcas da oralidade nos contos da guineense Odete Semedo. A narrativa de Paulina Chiziane é foco da análise de Sávio Roberto Fonseca de Freitas, no ensaio intitulado “Sarnau e Mwando: vozes que se cruzam em um mesmo vão”, ao passo que a de Mia Couto ressurgem em “O último voo do tradutor: tradução e línguas no romance de Mia Couto”, da autoria de Clarissa Prado Marini e Davi Silva Gonçalves.

“Oralitura em aula de língua portuguesa como espaço para diálogos interculturais” é o reflexivo resultado de um trabalho efetivado em sala de aula com alunos do Ensino Médio e transformado em texto por Josilene Pinheiro Mariz e Marcela de Melo Cordeiro Eulálio. O prisma da oralidade na literatura moçambicana se faz reverberar nos artigos “A estratégia do encaixe e a oralidade incorporada pela escrita em três romances de Mia Couto”, de Daniela de Brito; “Nas tramas e linhas da textualidade oral em *Niketche* – uma história de poligamia”, de Marinei Almeida e Soraya do Lago Albuquerque; e “As autoridades tradicionais e a guerra civil moçambicana em *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane”, de Maria Perla Araújo Moraes.

Finalizada a trajetória que nos conduz por entre os jogos de linguagem mais ou menos tensos entre a oralidade e a escrita, a edição 14.2 da Revista *Mulemba* abre ainda espaço para dois textos de livre abordagem temática. No primeiro, “Sobre *A varanda do frangipani*: uma releitura dos romances de enigma pelo olhar crítico de Mia Couto”, Mariana Braga analisa o processo de desconstrução dos paradigmas narratológicos policiais, enquanto Naduska Mário Palmeira, em “Ilha e memória: uma leitura da obra *O útero da casa*, de Conceição Lima”, lança um olhar acerca da obra dessa poetisa de São Tomé de Príncipe.

Outra subseção que compõe nossa revista é aquela dedicada às resenhas. Por hora, publicamos críticas de *A autobiografia do poeta-escravo* (Hedra, 2015), de Juan Francisco Manzano, por Liliam Ramos da Silva; de *Portugal a lápis de cor: a sul de uma pós-colonialidade* (Almedina, 2015), de Sheila Khan, por Patrícia Isabel Martinho Ferreira; e de *Se o passado não tivesse asas* (Leya, 2016), de Pepetela, por Sheila Jacob.

Apresentamos aos leitores votos de boa leitura!

A Comissão Editorial